



Querid@s Tr@ns.

Compartilho com vocês um texto que me fez lembrar as nossas experimentações coletivas. Espero que gostem do meu 'amigo' Pelbart. Ele tem me acompanhado bastante nos últimos 2 anos. (Risos!) – Ah! As imagens fazem parte do meu 'exercício imagético'.

TR@nsboletim convida: **ENCONTRO COM PELBART. 25/10/2010** **ONDE? Aqui mesmo!**

Rejane Guedes Pedroza⁶¹

Olá, Tr@nspensadores,

Meu nome é **Peter Pál-Pelbart**. Filósofo e ensaísta. Tradutor da obra de Gilles Deleuze. Professor do Departamento de Filosofia e do Núcleo de Estudos da Subjetividade da Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP. Coordeno uma trupe de teatro com usuários de saúde mental na cidade de São Paulo (Cia Teatral Ueinzz).



Trago para o grupo alguns fragmentos do texto *DIREITOS HUMANOS E CYBER-ZUMBIS*, que vocês podem encontrar na parte II (p.23- 28) do meu livro *A vertigem por um fio. Políticas da subjetividade contemporânea*. Editora Iluminuras, São Paulo, publicado em 2000.

Vamos ao texto:



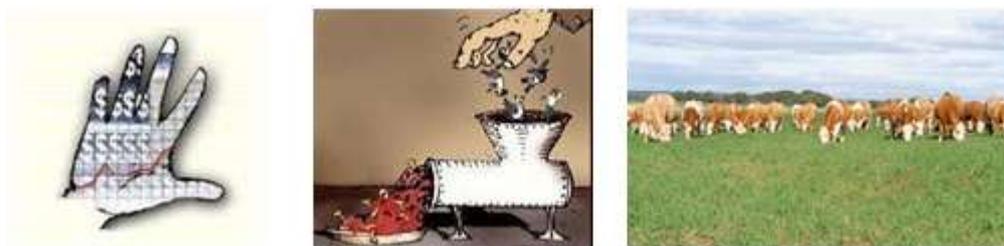
Viver e pensar como porcos. É esse o título de um dos textos mais virulentos sobre as condições de vida contemporâneas⁶². Gilles Châtelet não faz referência ao Carandirú, Rocinha ou vale do Jequitinhonha, nem aos meninos de rua, trabalho escravo, prostituição infantil, e sim às **sociedades afluentes do Primeiro mundo, às democracias-mercado que respeitam os**

⁶¹ Doutoranda PPGCS/UFRN, rejanegp@uol.com.br

⁶² Gilles Châtelet. *Vivre et penser comme des porcs*. Paris, Exils Éd., 1998.

chamados direitos humanos e onde, não obstante, se vive e se pensa como porcos. Bem ou mal, essa é a miragem com a qual a Contra-Reforma neoliberal pensa hipnotizar-nos. Caberia examinar brevemente em que medida essa miragem, no contexto do capitalismo tardio, da sociedade pós-industrial ou pós-moderna, nos obriga a **repensar a idéia de direitos humanos e traz à tona sua insuficiência.**

A equação contemporânea, diz Châtelet, é de uma clareza matemática: **Mercado = Democracia = Homem médio.** Ou, em outros termos, **a Mão invisível do Mercado não só dirige o Consenso democrático, mas faz de todos nós esse gado cibernético que pasta mansamente entre os serviços e mercadorias ofertadas.** (isso me lembra Bauman)



Assistimos com um estranho deleite à fluidificação absoluta das fronteiras, dos mercados, das informações. Fazemos a apologia da flexibilização total, desde as condições de contratação e de trabalho até as relações conjugais. Acabamos nos admirando com a volatização final, não só do capital, dos serviços, do trabalho, mas até do homem. **O homem fluido, o trabalho flexível, o capital volátil. Desmaterialização universal e consensual, num grande magma feito de turbulência e equilíbrio, de volúpia e desencanto.** O resultado é uma extraordinária operação de **anestesia social, fundada na unidade atômica indispensável, o homem médio estatístico, o consumidor ideal, de bens e serviços, de entretenimento, de política, de informação, o cyber-zumbi.** O homem médio é resultado dessa fabulosa engenharia social: eis nosso encontro com a modernidade, a capitulação elegante aos ditames da Mão invisível, o contra-ataque planetário dos imbecis.



Diz ainda o autor: passar de bucha de canhão a bucha de consenso e à massa de informação talvez seja um progresso, mas risível. **O socius torna-se um megavídeogame em que alguns poucos jogadores invisíveis brincam com seus milhões, de dólares, de empregos, de vidas alheias. Diante disso, o humanismo universalista é bem palatável, e até mesmo desejável, necessário, porém absolutamente impotente e ornamental: não dá conta do que de fato hoje está em jogo, a saber, o tipo de existência que esse mercado da vida oferece e impõe em escala planetária.** Como o diz Deleuze, *os direitos humanos não dizem nada sobre os modos de existência imanentes do homem dotado de direitos. É deles que seria preciso tratar, das formas de vida vigentes.*



A vida pobre

Ora, a mais recente expressão dessa urgência encontrei numa revista editada em Portugal, intitulada *Elipse*, cujo primeiro número tem por tema *A vida pobre*. Depois de afirmar que a cultura está em erosão, e também o espírito, a bailarina Vera Mantero⁶³ escreve: **"O espírito pode entreter-se com coisas ricas ou pode entreter-se com coisas pobres. O espírito é uma criatura muito ávida de ocupação. precisa de se ocupar constantemente. O espírito deve ser o único pedaço de nós que ficou criança e que precisa de estar sempre entretido com qualquer coisa.** Se dissermos a coisa assim, a palavra 'entretenimento' torna-se muito menos pecaminosa. Enquanto me entretenho com o Glenn Gould e as suas variações Goldberg eu não morro e nada morre à minha volta. **Necessitamos das artes para não morrermos. As**

⁶³ Vera Mantero In "Elipse - Uma Gazeta Improvável", Lisboa, 1998.

artes falam conosco, as artes dizem-nos coisas, não se calam. Não nos deixam no silêncio, não nos deixam naquele silêncio em que se morre de tédio... vejo as artes como um resíduo, aquilo que resta de uma série de coisas que o ser humano gosta de fazer para manter o seu espírito num determinado ponto de possibilidade. Talvez não só de possibilidade como de interesse. Um ponto em que é possível e interessante existir... ***o ser humano precisa não estar sempre no cotidiano, precisa sair do cotidiano e entrar noutros níveis, noutra sensação do mundo. Precisa fazer coisas não produtivas, sair da lógica da produção, ter objetivos diferentes desses, precisa voltar a saber que não há só um caminho entorpecedor e mecânico, que a vida é mais sutil do que isso, mais rica de redes e nós de sentidos e sensações, de linhas que se cruzam e que baralham e iluminam. É preciso reconhecer essas coisas, assinalá-las, sublinhá-las, não só através do discurso mas também com o corpo, em ações, associando sentidos e elementos, virando de vez em quando as coisas ao contrário, desorganizando e reorganizando. É preciso olear o espírito, olear o ser. É preciso também pensar com o corpo, deixar o corpo falar, pobre corpo. É preciso sair de dentro do porta-moedas e entrar na associação, no delírio, na sujidade... na acoplagem, acoplagem de elementos ao nosso corpo, acoplagem de sentidos ao nosso corpo, ou acoplagem de objetos e sentidos entre si, é preciso entrar na transformação, é preciso entrar no êxtase, na contemplação, na calma, nos sentidos do corpo, no corpo, na poesia, em visões, no espanto, no assombro, no gozo, no inconsciente, na perda, no esvaziamento, no desprendimento, na queda, é preciso tirar os sapatos, é preciso deitar no chão, é preciso entrar na imaginação, nas histórias, no pensamento, nas palavras, no humor, no pensamento, nas palavras, no humor, no pensamento, na relação com os outros. (REGISTRO QUE AQUI LEMBREI MUITO DOS DIÁLOGOS TR@NS).***

Nós precisamos muito disto, precisamos muito disto tudo, e estamos a ter muito pouco disto e é por isso que, como disse no início, o espírito está em erosão, a cultura está em erosão e nós às vezes estamos muito tristes ou temos a sensação de que a vida desapareceu de cá de dentro. (Pág 25)

Chamo a atenção para esse *ponto de possibilidade e de interesse* em que

um espírito deveria estar para que fosse *possível e interessante existir*, como diz Mantero, e que é justamente o que *viver e pensar como porcos* nos impede. José Gil, como que em eco aos termos empregados por Mantero, escreve em seu artigo, no mesmo número: **"Aqui há tempos atingi aquele ponto central de onde descobri a verdade: que a minha vida é irremediavelmente pobre. Não há nada a fazer-lhe. Aliás, já tentei de tudo, e quanto mais me agitava para contrariar a tendência, mais me aproximava daquele ponto terrível. [...] Não que me falte alguma coisa. Vou a concertos e a exposições, leio muitos livros e revistas, tenho uma discoteca e biblioteca razoáveis, tenho amigos e relações, em suma nada me falta para ter uma bela vida. Mas criou-se uma espécie de fosso à minha volta. É invisível, mas está lá, e faz-se sentir mesmo no meio do concerto mais empolgante. O que ouço toca-me, mas é como se não me tocasse, se olho bem; o que leio fica apenas em mim, não passa de mim, e acaba por amarelecer, sem eco; o que vejo nas galerias de arte e o que lá se diz, é como se não tivessem a ver com a minha vida. E tudo o resto é assim. Há um grande buraco no meio das pessoas que lhes abafa a fala e absorve as vozes que vêm dos outros... O buraco alastra como o do ozônio. Vai comendo o céu. É como se a pouco e pouco me comesse o corpo. Noto agora que há muito tempo a vida se me empobrecia. Muitas coisas começaram a desaparecer dos meus hábitos, sem que desse por isso. Primeiro, as palavras. Algumas, para começar, depois muitas, numa torrente imensa, desapareceram do meu vocabulário... Com as palavras foram-se idéias, sensações, sentimentos. Gostava imenso de uma ária de ópera [...] Então chorava. Era a melhor maneira de me exprimir. Hoje, já nada disso acontece. É que já não preciso de me exprimir. Tudo me exprime, e muito melhor do que poderia fazê-lo. Para começar, há o Plácido Domingo, e os outros, e as vozes que porventura nascessem na garganta, seriam logo canalizadas, moldadas por esses ótimos cantores de ópera. Logo ali, no fundo da garganta, quando eu quisesse dizer a minha solidão e o abandono em que me deixou o amor, eu ouviria, tenho certeza, o fulgor e o luxo da voz de Plácido Domingo... E quem sou eu para pretender assim exprimir emoções tão fortes, mais fortes do que todas aquelas de que sou capaz? Por isso calo-me."**



Certa contemporaneidade, na sua fosforescência perfeita e esvaziada, nos teria despossuído do poder de cantar, gaguejar, chorar ou sentir. Privados do canto, das palavras, do corpo, da vida, viveríamos um pouco aquela depauperação da experiência de que nos fala **Walter Benjamin**, quando mostra que diante da guerra, da inflação, da fome e da humilhação, o "frágil e minúsculo corpo humano", que **de repente se viu no centro de uma "paisagem diferente em tudo", em que a única coisa reconhecível eram as nuvens**, parecia afinal mais pobre em experiências comunicáveis do que antes, não mais rico. Se já não estamos diante da guerra, inflação, humilhação e pobreza tal como os combatentes de 14, é preciso dizer que num certo sentido a depauperação mencionada parece apenas aumentar. Sobretudo num aspecto que Benjamin evoca, e que a revista portuguesa em que foram publicados os textos de Mantero e Gil parece ter levado ao seu ponto extremo, mesmo sem citá-la: **"é hoje em dia uma prova de honradez confessar nossa pobreza"**⁶⁴.



⁶⁴ Walter Benjamin. Experiência e pobreza. In *Obras Escolhidas*. São Paulo, Brasiliense, 1987.